

1190 SITUAÇÃO DA CULTURA DO SORGO NO BRASIL

O cultivo do sorgo no Brasil desenvolveu-se em anos recentes, alcançando em 1977 uma produção de cerca de 500 mil toneladas. Entretanto, a despeito de o País possuir excelentes condições para a expansão da cultura do sorgo, a partir daquele ano diversos fatores limitaram a expansão da área cultivada. Dentre os diversos fatores destacaram-se a falta de sementes, a imagem irreal que acompanhou a cultura durante sua introdução e a falta de uma estrutura adequada para o armazenamento e a comercialização do produto.

Dos quatro tipos de sorgo (granífero, forrageiro, sacarino e vassoura), o sorgo granífero ocupa a maior área cultivada. As estatísticas disponíveis estimam uma área de 165 mil ha colhidos em 1985, com este tipo de sorgo com uma produção de 299 mil toneladas. Porém, devido a problemas nos levantamentos de safra desta cultura, estes números provavelmente são uma subestimativa da realidade.

Os Estados do Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraná são responsáveis por mais de 75% da produção brasileira. Nestes Estados, e nos demais Estados produtores, o sorgo tem sido cultivado em condições marginais ao cultivo de outros cereais, como o milho e, principalmente onde a deficiência hídrica e/ou a variabilidade climática constituem entraves à produção destes cereais.

Os sistemas de cultivo utilizados com o sorgo granífero nas diversas regiões produtoras são extremamente variáveis, em função da área da lavoura e do nível de tecnologia adotado. Em nossas condições, três sistemas de cultivo têm sido utilizados na cultura do sorgo: monocultivo, monocultivo em sucessão e consorciação.

No monocultivo, o sorgo é cultivado como cultura "solteira", semeado em épocas que variam de novembro a abril, em função das características climáticas regionais. Este sistema permite o aproveitamento da rebrota, desde que haja umidade disponível.

O cultivo do sorgo em sucessão a diversas culturas precoces, tem sido realizado com sucesso em algumas regiões brasileiras, com destaque ao Estado de São Paulo onde este sistema de cultivo já é tradicional. Nestas

regiões, recomenda-se o plantio do sorgo preferencialmente no mês de fevereiro, após a colheita das culturas principais (soja ou amendoim), o que possibilita uma redução no custo de produção em função do aproveitamento do efeito residual dos fertilizantes aplicados nestas culturas e do menor número de operações de preparo de solo.

A cultura do sorgo no sistema consorciado é realizado nos Estados da Região Nordeste, onde o agricultor, face às características da região, tem necessidade de minimizar seus riscos. Neste sistema, o sorgo é cultivado em combinação com feijão ("macassar" ou "de arranca"), mamona, algodão etc.

No que diz respeito à comercialização, esta tem se constituído o maior entrave ao desenvolvimento da cultura no Brasil. Como no caso do milho, sua baixa relação valor/peso tem dificultado seu transporte, reduzindo sua prioridade na ocupação de secadores, armazéns e silos. Este fato é agravado por ser o sorgo consumido basicamente em indústrias de rações, que pelo seu pequeno número possuem um grande controle sobre o mercado. Além disto, algumas delas colocam uma série de empecilhos à sua utilização, o que restringe ainda mais o seu mercado potencial.

Uma perspectiva que se abre para o sorgo no Brasil é a sua utilização na alimentação humana, principalmente na substituição da farinha de trigo na indústria de panificação e de biscoitos. Entretanto, esta possibilidade está obstruída pelo subsídio dado à farinha de trigo, que torna economicamente inviável a substituição.

Com relação aos demais tipos de sorgo, verifica-se que o sorgo forrageiro possui tradição em regiões caracterizadas pela exploração da pecuária leiteira, com uma área cultivada próxima a 100 mil ha. Essa cultura apresenta-se como uma das melhores opções para o fornecimento de alimentos para o gado durante a entressafra, contribuindo para a maior economicidade da exploração. A cultura do sorgo sacarino, encontra-se em fase de implantação em algumas regiões do Brasil com o objetivo de complementar a cana-de-açúcar na produção de etanol. — João C. Garcia.